Credibilidade externa do Brasil preocupa o Bank of America

por Reginaldo Meller
do Rio

"As regras do jogo devem ser mantidas." Estas foram algumas das expressões pinçadas do diálogo que o presidente do Bank of America, Samuel Armacost manteve, ontem, com quatro economistas cariocas. Reunido na sede da representação, no Rio, Armacost disse ao ex-presidente do Banco Central, Paulo Lira, e aos economistas Antonio Carlos Lemgruber, Roberto Castello Branco e Luiz Aranha Correia do Lago, que "há, no exterior, uma impressão de que o governo não estaria

esforçando-se o suficiente para resolver seus problemas internos", o que, segundo, ainda, relato de seus interlocutores brasileiros, "abala a credibilidade da política econômica".

As afirmações do principal dirigente do maior banco privado do mundo e o segundo maior credor externo do Brasil, surpreenderam aqueles economistas, pois contrariavam suas declarações à imprensa no dia anterior, logo após seu encontro com os ministros da área econômica, em Brasília.

Armacost tentou expli-

car o que, no seu entender, foi uma "deturpação" da imprensa. Disse que a administração do pagamento da dívida externa brasileira exige uma estratégia de longo prazo, mas as rodadas de negociações devem ser, pelo menos, a cada dois anos. Reconheceu que montar operações de refinanciamento a cada ano desgasta a comunidade financeira internacional.

Ele criticou as teses que defendem a capitalização dos juros da dívida externa ou o desengajamento do mercado financeiro internacional e faz coro com a opinião do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, em tese que vai expor junto ao Banco Mundial, de uma negociação com os governos dos países credores. Em outras palavras, sugere uma participação maior das agências governamentais de crédito e entidades financeiras internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, na reciclagem da dívida externa dos

países menos desenvolvidos. Este objetivo exigirá um apoio maior dos governos.

ARGENTINA

Ainda, durante o diálogo ele deixou evidente sua preocupação com a posição assumida pelo governo argentino de não negociar com o FMI. A este propósito, um outro dirigente de banco estrangeiro, James Farley, senior vice-presidente do Citibank e responsável pela região, confidenciou a alguns interlocutores brasileiros a apreensão dos bancos estrangeiros com a menor prioridade conferida à dívida externa. "A Argentina", disse ele, "poderá apressar soluções mais globais e operacionais da reciclagem da dívida destes países." Mas, tanto ele, quanto Armacost descartaram, completamente, a possibilidade de se abrirem exceções na sistemática atual de refinanciamento. "Isso seria impossível", disse o "chairman" do Bank of America.